

Viagens prejudicam a atividade parlamentar

Depois de duas semanas de «esforço concentrado» no Congresso Nacional, quando tiveram que entrar pelas madrugadas para assegurar a votação de projetos importantes para o governo, oito deputados e três senadores viajam hoje à noite para a China, Japão e Coreia, em missão oficial. A comitiva, que inclui as esposas dos parlamentares e o secretário-geral da Mesa da Câmara, Paulo Afonso, é chefiada pelo próprio presidente da Casa, deputado Ulysses Guimarães.

Os deputados — Pimenta da Veiga (PMDB-MG), Prisco Viana (PDS-BA), Celso Barros (PFL-PI), Mendes Botelho (PTB-SP), Epitácio Cafeteira (PDT-MA), Heráclito Fortes (PMDB-PI) e Bocayúva Cunha (PDT-RJ) — e os senadores Hélio Gueiros (PMDB-PA), Carlos Chiarelli (PFL-RS) e Severo Gomes (PMDB-SP) — devem julgar-se em férias merecidas. Mas muitos projetos estacionados na Câmara poderiam andar um pouco mais depressa se os parlamentares viajassem menos e trabalhassem mais. Apenas a passagem de Ulysses será paga pelo governo da China. As demais, segundo explicação oficial, serão custeadas pelos próprios parlamentares.

— As viagens de parlamentares, devido à importância que o Brasil tem hoje no mundo, são naturais — argumenta o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães. Lembrando um episódio de outubro, quando conseguiu atrasar a viagem de deputados e senadores convidados pelo governo sírio para uma conferência, ele garante: «Quando existe uma coincidência entre as viagens e alguma votação importante, eu faço um apelo e sou atendido».

Em sessões menos importantes, porém, muitas vezes aparecem os «deputados fantasma», que não estão em plenário mas estão oficialmente presentes. Para realizar a mágica, basta encaminhar à Mesa da Câmara, quando se viaja ao exterior, um pedido de autorização para sair do País em «missão cultural».

Até hoje, 42 projetos de resolução nesse sentido haviam sido aprovados pela Mesa, desde o início do ano. Através deles, foram

autorizadas 86 viagens de deputados ao exterior. Segundo o artigo 238 do Regimento Interno da Câmara, «também fará jus à percepção integral dos subsídios o deputado que se encontrar no desempenho de missão de caráter cultural ou diplomático no País ou no exterior». Em outras palavras, a cada vez que a Mesa aprova suas viagens, os deputados passam a ganhar jetons, mesmo que estejam fora do País. — 5 DEZ 1985

Por isso, quando saem em «missões culturais» — viagens privadas geralmente a convite de países ou organismos internacionais — os deputados dificilmente deixam de pedir licença à Câmara. Mesmo quando o convite parece excêntrico, como o do governo da Jamahiriya Árabe Popular Socialista da Líbia ao deputado João Herculino (PMDB-MG), feito em julho, para que ele conhecesse «as instituições científicas e culturais do país».

O recordista em viagens é o deputado Haroldo Sanford (PDS-CE): ele viajou cinco vezes ao exterior, e esteve em seis países: Panamá, Bulgária, Argentina, Peru, Cuba e Barbados. Segundo a justificativa para a viagem a Barbados, pequena ilha do Caribe, em junho, ele foi participar de um congresso para estudos de população e desenvolvimento, onde fez parte de «importantes debates que servirão de subsídios para uma maximização de suas atividades legislativas».

Também considerada de «real proveito» foi a viagem do deputado Aécio de Borba (PMDB-MG), à Espanha, em outubro. Em «missão cultural», e como presidente da Confederação Brasileira de Futebol de Salão, ele chefiou a delegação brasileira ao II Campeonato Mundial da categoria. O convite às vezes pode ser até verbal, como o que o deputado Francisco Benjamin (PFL-BA) garante ter recebido dos governos e parlamentos da Itália, Iugoslávia, Romênia, Hungria e Tchecoslováquia, para, em setembro, «conhecer melhor os diversos aspectos de suas atividades política e cultural».